



Ecoss da LASE

Boletim da Liga dos Antigos Seminaristas de Évora - Suplemento ao N.º 4654 de "a defesa" - N.º 33 - 2.ª Série - Évora, Janeiro - Março 2014

LASE EM FESTA

Como no dia 22 de Março, a LASE realizou a sua Festa Anual, em Vila Viçosa, este primeiro número de 2014 irá ser dedicado, quase na sua totalidade, a este festivo evento, dominado por duas comemorações: **S. José**, patrono do Seminário de Vila Viçosa e a **homenagem ao Cônego Dr. José Pires Patacas**, ilustre prefeito e professor do Seminário Menor.

Porque é que S. José, cuja festa litúrgica ocorreu no dia 19 de Março, foi escolhido para Patrono do Seminário Menor de Vila Viçosa?

Poderemos encontrar muitas respostas, mas para mim, S. José



"*servo fiel... homem justo*" foi escolhido, porque foi o "*chefe*" da Sagrada Família de Nazaré (esposo da Virgem Maria e pai adoptivo de Jesus).

A **homenagem ao Cônego Dr. José Pires Patacas** foi um momento alto da Assembleia Geral, como será relatado mais adiante pelo Secretário, Jorge Manuel Rosado Raposo. Os dois oradores convidados: Libório Casimiro Gonçalves (sobrinho) e Franklim Costa Braga (aluno e afilhado) ajudaram-nos a

(Continua na pág. 4)

FESTA ANUAL

No dia 22 de Março, como estava programado no Calendário das actividades da LASE para 2014 e seguindo a tradição da alternância do local da festa, que determina ser no primeiro sábado depois da festa de S. José (19 de Março), quando é em Vila Viçosa, todos os lasistas e familiares, de norte a sul de Portugal, que puderam e tiveram vontade, se dirigiram para o Seminário dos Agostinhos, para participarem na Festa Anual.



Depois dos cumprimentos e abraços mútuos, cerca de cem participantes dirigiram-se para o salão de festas onde iria decorrer a Assembleia Geral, de que nos falará o seu novo secretário, Jorge Manuel Raposo, já a seguir.

ASSEMBLEIA GERAL

Por volta das 10,45 horas deu-se início à Assembleia Geral da LASE presidida pelo Prof. Doutor Manuel Ferreira Patrício e com a presença do arcebispo de Évora, D. José Alves, também lasista e convidado de honra, o Presidente da Direcção, Padre Fernando Marques e o Secretário da Assembleia Geral, António Madeira Campino.

Usando da palavra o Presidente deu as boas vindas a todos e agradeceu em especial a presença do arcebispo de Évora, D. José Alves. De seguida lembrou a sua entrada para o Seminário de Vila Viçosa e a alegria que sente sempre que entra nesta casa.



Pelo secretário foi lida a **acta** que foi aprovada por maioria, com uma abstenção. Seguiu-se a apresentação do **Relatório e Contas**, lido pelo Albino Pereira, em representação do Tesoureiro, Cônego Manuel Ferreira, que se encontra em convalescência, sendo aprovado por unanimidade.

(Continua na pág. 2)

FESTA ANUAL

(Continuação da primeira página)

Em seguida usou da palavra o **Presidente da Direcção, Cónego Fernando Marques**, que começou por lembrar que “*é bom estarmos aqui*”, parafraseando a exclamação de S. Pedro perante a transfiguração de Jesus (evangelho do 2.º domingo da Quaresma) e saudando a todos, em especial o prelado e familiares do Cónego Dr. José Pires Patacas, o homenageado deste ano. Recordou as dificuldades iniciais de cada aluno nos primeiros tempos do Seminário, desde a disciplina à alimentação, propondo que estas romagens passassem a ser de recordação e gratidão e não só de saudade.

Recordou ainda os eventos que houve ao longo do ano (Encontros Regionais, reuniões de Cursos e Encontro de Fátima, sem excluir os almoços de Natal em Évora e no Porto) e que com mais ou menos presenças foram sempre calorosos.

Os falecimentos de alguns lasistas referidos nos “*Ecos da LASE*” ao longo do ano foram motivo de tristeza para todos. Salientou as homenagens recebidas pelo Presidente da Assembleia Geral, pelo Cónego Donaciano Masques Afonso e de outros lasistas pelas suas publicações literárias, fazendo um apelo a todos os lasistas que publicarem obras ofereçam um exemplar para se formar uma “**Biblioteca Lasista**”. Lembrou, finalmente, que o **próximo homenageado será o Sr. Joaquim Carrageta**. Salientou que a sua escolha foi consensual, não por ter sido antigo aluno dos Seminários de Évora, mas pela sua dedicação ao Seminário de Évora, durante muitos anos, na área do espectáculo (teatro e poesia).

Prosseguiu-se com a **eleição dos corpos directivos da LASE** para o próximo triénio. Depois de lida a lista única (com poucas alterações em relação aos membros anteriores) foi a mesma votada, tendo sido eleita por unanimidade e aclamação.

Seguiu-se o ponto alto da Assembleia Geral: **homenagem ao Cónego Dr. José Pires Patacas**, do qual falaram os dois oradores convidados. O primeiro foi o seu sobrinho **Dr. Libório Casimiro Gonçalves**. Começou por agradecer à LASE a lembrança da homenagem ao tio. Distinguindo nele a dimensão humana, lembrou vários episódios da sua convivência. Todos sabiam que com ele podiam contar sempre e em qualquer circunstância. Homem de muitos talentos, apesar da sua modéstia, marcava todos os que o conheciam. Percorreu um longo calvário e partiu muito cedo, em 24 de Fevereiro de 1974, deixando em todos uma imensa saudade.

O orador seguinte, **Dr. Franklim da Costa Braga**, lembrou como era o seu perfeito e professor, o seu lado disciplinador sem castigar, o seu lado brincalhão e companheiro, pelo que o convidou para seu padrinho do Crisma, apesar de isso ser desaconselhado no Seminário.

Recordou vários episódios, como amigo, como professor e como conselheiro e pedagogo. Lembrou os cargos que ocupou e prestígio que deu a todos, lamentando a sua partida prematura.

O presidente da Assembleia Geral usou da palavra para recordar que o Seminário é também uma grande casa de formação humana e que ele beneficiou muito dessa formação, assim como todos os antigos alunos.

O secretário cessante, António Madeira Campino, agradeceu a colaboração que recebeu ao logo dos 12 anos, que esteve no cargo.

O Senhor Arcebispo que estava de partida para a “*Visita Pastoral*” em Benavente, deu o seu testemunho como antigo aluno do Cónego Dr. José Pires Patacas, recordando a sua faceta de pai e a competência com que desempenhava as suas funções,

com sobriedade e elevação. Salientando ainda o seu pioneirismo em muitas das actividades que exerceu.

EUCARISTIA

Embora, ligeiramente atrasados, dirigimo-nos pelas 12,30 horas para a igreja do Convento das Chagas, que durante muitos anos foi a igreja do Seminário Menor, acolhendo as centenas de jovens seminaristas do 1.º e 2.º anos, que iniciavam a sua experiência vocacional. Actualmente, embora integrada no complexo da Pousada D. João IV, está na dependência do Palácio Ducal.



O Presidente da Direcção, Padre Fernando Marques presidiu à celebração eucarística, concelebrada pelo Padre António Gata Simões e participada por todos os lasistas e familiares, que enchiam completamente a igreja. A eucaristia foi oferecida por todos os lasistas e suas famílias e, especialmente, pelos que já partiram deste mundo, como o Cónego Patacas e tantos outros professores, perfeitos e alunos. À homilia, o Presidente da celebração reflectindo sobre a Palavra que foi proclamada, apontou duas mensagens: 1) a murmuração do povo israelita por causa da fome e da sede provocadas pela travessia do deserto, repetem-se hoje com a maioria das pessoas sempre a reivindicarem e a reclamarem todos os direitos e não valorizando o que têm de bom na sua vida; 2) a mulher samaritana que Jesus procurou junto ao poço de Jacob e que, apesar dos seus “*comportamentos desviantes*”, se abriu à mensagem salvadora de Jesus, o Messias esperado há tanto tempo, é um exemplo a seguir por tantos e tantas que vivem à margem das preocupações espirituais, que podem ajudar a valorizar mais a vida neste mundo.

No final da celebração o Padre Fernando lembrando que o Seminário de Vila Viçosa tem como Padroeiro S. José, propôs que cantássemos em sua honra: “*Ó S. José, rogai por nós / E protegei a Santa Igreja / O mundo inteiro espera em vós / Ó S. José, rogai por nós!*”

De passagem para o Seminário dos Agostinhos onde íamos almoçar, parámos junto à estátua equestre de D. João IV para tirarmos a fotografia de grupo, para mais tarde recordar!

ALMOÇO

Já perto das 14 horas sentámo-nos, finalmente, nas cadeiras do refeitório quinhentista manuelino do Seminário dos Agostinhos onde, habitualmente, os alunos dos 3.º, 4.º e 5.º anos tomavam as suas refeições.

O almoço decorreu animado até porque o apetite já apertava. Foi tempo, não só de retemperar as forças físicas depois duma

(Continua na página 3)

FESTA ANUAL

(Continuação da página 2)



manhã tão "intensa", mas também de são convívio entre os comensais de cada mesa e oportunidade para os fotógrafos registarem para a posteridade o "saboroso" evento regado com as bebidas "espirituosas" do costume com os tradicionais paladares: poejo, amarguinha, carvalho!...

VISITA CULTURAL

O Programa propunha no fim do almoço uma visita cultural aos **museus do castelo: Arqueologia e Caça**. Como a entrada tinha que ser antes das 16 horas, urgia concluir o convívio do almoço e dirigir os passos firmes para a fortaleza calipolense, que desde o período romano assinala a ocupação humana deste local vizinho da "via romana" que ligava Évora "Liberalitas Julia" a Mérida "Emerita Augusta" e que no século XIII D. Afonso III dotou a vila do seu primeiro Foral (5 de Junho de 1270) que coincide com o início da construção do castelo, concluído pelo seu filho D. Dinis (1279-1325) que também mandou erguer a cerca da vila.

Mais tarde, o 2.º duque de Bragança, D. Fernando, conde de Arraiolos, mandou construir um Paço no castelo (1422) e elevou Vila Viçosa a sede do Ducado de Bragança.

A visita, na qual participaram cerca de trinta amantes da arte, começou pelo **Museu de Arqueologia** que ocupa vários espaços do piso térreo com vitrinas repletas de artefactos da Pré-História, Idade dos Metais, Período romano (espólio recolhido em várias escavações dos arredores de Vila Viçosa: Pardais e outras), incluindo colecções arqueológicas reunidas pelo rei D. Luís.

O Museu encontra-se aberto desde Maio de 1999, depois deste espaço ter sido completamente remodelado e modernizado.

O **Museu da Caça**, recentemente criado, ocupa outros espaços do castelo também remodelados para receberem uma variada e interessante colecção do Engenheiro Manuel Lopo de Carvalho, antigo membro da Junta da Casa de Bragança e que inclui numerosas aves europeias e troféus de caça de origem africana, assim como alguns exemplares, propriedade da Fundação, como o crânio de um elefante pigmeu.

No Museu encontra-se também uma grande colecção com cerca de 200 exemplares de "armas gentílicas" oferecida ao rei D. Carlos e ao Príncipe D. Luís Filipe, em 1907, aquando da visita deste último às antigas colónias, especialmente a Moçambique.

Existe uma terceira colecção: armas de fogo com exemplares de carabinas de caça de marcas de renome mundial: PURDEY, HOLLAND & HOLLAND, etc., bem como a Pateira que esteve instalada num dos iates reais Amélia.

Antes de concluir a descrição desta visita direi que foi para todos nós uma agradável surpresa!

Presenças: D. José Francisco Sanches Alves – Évora; Abílio Dias – Póvoa de Santo Adrião; Alberto Cardoso Soares de Melo e esposa – Porto; Alberto Pereira Rodrigues – Montijo; Albino Joaquim Pereira e esposa – Fornelos (CNF); Amândio Simão Pires e esposa – Sabugal; António Dionísio Carvalho Pinheiro, esposa, cunhada e tia – Monte Abraão; Pe. António Fernando Marques – Évora; António Fidalgo Marques – Estremoz; Pe. António Gata Lavajo Simões – Vila Viçosa; António Joaquim Costa Braga e esposa – Évora; António José de Mira Geraldo – Belas; António Madeira Campino e esposa – Évora; António Pedro Neves Fialho Tojo e esposa – Amora; António Ribeiro Cristóvão – Corroios; Augusto da Silva Jacinto e esposa – Proença-a-Nova; Bernardino Fernandes dos Santos e esposa – Póvoa de Varzim; Pe. Carlos Cardoso de Melo e motorista – Mora; Domingos Barbosa Lopes e esposa – Barcelos; Domingos Luís Borrego Lopes – Évora; Edmundo dos Santos Pinto Tibério – Feijó; Eduardo Manuel Gomes Pina e esposa – Vila Viçosa; Elísio da Silva Gama, esposa e filha – Vila Nova de Mil Fontes; Elói Gonçalves Pardal e esposa – Lisboa; Francisco Eduardo Grancho Ricardo – Lisboa; Francisco Pereira Pimentel – Póvoa de Santa Iria; Franklin da Costa Braga, esposa e filhas – Lisboa; Gil Vicente Lopes Caeiro – Vila Viçosa; Joaquim António Ramalho Amaral e esposa – Barreiro; Joaquim Casimiro Gonçalves, esposa, filhos e primas – Lisboa; Joaquim Maria Melo de Sousa Lima – Coimbra; Joaquim Merca da Silva Maia e esposa – Évora; Jorge Manuel Rebotim Rosado Raposo – Évora; Jorge Manuel Salgueira Mateus – Évora; José Francisco Caixinha e esposa – Pombal; José Pereira Bairrada – Proença-a-Nova; José Ramalho Ilhéu – Évora; Libório Casimiro Gonçalves, esposa, filho, irmã e familiar – Setúbal; Luís António Pedrico – S. João da Talha; Manuel Bernardino Basílio Mendes e esposa – Tercena; Manuel Fernando Pontes Carrasqueira – Mem Martins; Manuel Ferreira Patrício – Montargil; Manuel Inácio da Cruz Rosado – Évora; Pe. Manuel Lopes Botelho – Vila Viçosa; Manuel Luís Carvalho Mendes, esposa e neto – Évora; Manuel Nunes da Fonseca e pessoa amiga – Tarouquela (CNF); Mário de Ascensão Louro – Turquel; Nuno da Silva Pinheiro – Évora; Roberto Lopes Ratinho e esposa – Évora; Serafim Afonso Gil e esposa – Loures; Sílvio Augusto Rebocho Borralho – Póvoa de Santa Iria; Amélia Alves Velho Gonçalves Ambrósio e filha – Vila Nova Gaia; Maria Augusta Martins Pinto Correia e esposo – Valongo; Maria José Melo Pinto Tameirão, esposa do lasista Manuel Dias de Melo.

Marcaram presença espiritual com mensagens os seguintes lasistas: Pe. Adriano Chorão Lavajo – Évora; Fernando Joaquim Rodrigues Magro – Paço de Arcos; Francisco António Martins – Brasil; José Cerqueira Fernandes – Porto; Francisco Vitorino



Garcia Timóteo – Carcavelos; Pe. Joaquim Chorão Lavajo – Évora; Joaquim Maria Ferreira Russo – Setúbal; José Adriano – Covilhã; Manuel Francisco Pécurto Abelho – Borba; Pe. Manuel da Silva Ferreira – Évora; Manuel Herculano Valente da Silva – S. Domingos de Rana; Manuel Luís Fernandes Nunes – Tercena; Martinho Sidónio Mouzinho Pão-Mole – Viana do Alentejo; Luís José Ambrósio Madalena – Lisboa.

TESTEMUNHO

No passado Sábado, dia 15, estive a representar a LASE na Assembleia-Geral da UASP (União das Associações dos Antigos Alunos dos Seminários Portugueses), no Seminário de Vila Real.

À semelhança daquilo que tem vindo a acontecer noutros locais, onde a UASP tem estado presente, também o Bispo da Diocese quis estar no acolhimento ao grupo. Como o funeral de D. José da Cruz Policarpo se realizou na tarde do dia 14, D. Amândio, só pôde estar presente no jantar, por ter feito a sua viagem de Lisboa a Vila Real, durante o dia.

O Bispo de Vila Real, D. Amândio, que foi Bispo-auxiliar na Arquidiocese de Évora, a todos cumprimentou, mas ao chegar a minha vez, foi uma atenção muito especial devido ao facto de recordarmos tempos de algumas reuniões da Lase. À medida que se falava sobre as diversas pessoas conhecidas, o abraço tornava-se mais longo e apertado. Começou por se referir ao Sr. Arcebispo, D. José Alves, ao Presidente da Mesa da Assembleia da Lase, Manuel Patrício, ao Presidente da Direcção, Cónego Fernando, e outros nomes. Como eu disse que iria à Assembleia da Lase no dia 22, em Vila Viçosa, recomendou-me encarecidamente que entregasse um saudoso abraço a todos os presentes.

Não podia deixar de transmitir esta especial mensagem de D. Amândio pelo enorme afecto demonstrado aos amigos que deixou na Arquidiocese de Évora.

Para além desta mensagem, devo transmitir que a Direcção da UASP se congratulou muito com o resultado do evento cultural realizado em 20 e 21 de Abril de 2013 e que foi organizado pela Lase. Todo o grupo demonstrou muita satisfação pelo programa concretizado, principalmente a visita guiada em Évora, pelo Presidente da Direcção da Lase.

Para mim, foi uma enorme alegria ouvir estes excelentes comentários sobre o bom acolhimento e acompanhamento ao grupo. De todos os eventos de iniciativa da UASP, o organizado pela Lase superou os realizados até ali.

Mário Louro – Delegado da Lase na UASP

LASE EM FESTA

(Continuação da primeira página)

compreender melhor o “sacerdote brilhante pela sua inteligência, pela sua cultura e pelo seu zelo pastoral, sem deslumbramentos e considerado por todos (clérigos e leigos)”, como diria o Presidente da Direcção.

As duas comunicações serão publicadas mais adiante nestes “Ecos da LASE”.

Liturgicamente, estamos em plena Quaresma que nos convida a uma caminhada de renovação interior através da oração (mais e melhor), do jejum (penitência e renúncia) e da partilha (amor fraterno). Na medida em que fizemos esta caminhada como a fez a “Samaritana, o Zaquaeu e o Filho Pródigo do Evangelho” assim celebraremos em júbilo e com “Aleluias” de festa a Páscoa da Ressurreição de Jesus, a principal festa dos cristãos!

Desejo a todos os lasistas e seus familiares as maiores alegrias e bênçãos de Cristo Ressuscitado.

O Presidente da Direcção - P. Fernando Marques



HOMENAGEM AO CÓNEGO FILIPE MARQUES DE FIGUEIREDO

No dia 4 de Janeiro de 2014 a **Fundação Cónego Filipe de Figueiredo** prestou uma justa homenagem ao seu Patrono, na Biblioteca Municipal de Estarreja, sua terra natal e na qual participaram várias entidades locais incluindo o Cónego Guimarães, do Presbitério eborense e Reitor emérito de Arraiolos.



O Cónego Filipe ao longo da sua vida sacerdotal exerceu com mérito vários cargos na arquidiocese de Évora: Professor e Prefeito no Seminário de Évora, assistente diocesano dos Cursos de Cristandade, Secretário Diocesano da Catequese, Pároco de S. Brás, em Évora, Secretário Diocesano da Emigração e acompanhamento pastoral da Comunidade Cigana, sem esquecer a sua acção social na concretização de vários Centros Sociais e a Fundação D. Manuel Mendes da Conceição Santos e os Missionários de Cristo Sacerdote.

Em 1989 foi nomeado Cónego da Sé de Évora.

Segundo o Cónego António de Freitas Guimarães: “Foi rica e enriquecedora a sua fecunda acção pastoral e também nos seus escritos e obras de notável brisa e literatura que nos deixou...Honremos, pois, a memória deste sacerdote que foi uma verdadeira bênção que Deus concedeu à Arquidiocese de Évora e uma grande honra para a terra que o viu nascer”.

TESOURARIA

As contas apresentadas na Assembleia Geral foram as seguintes:

Receita

Quotas – 1.435 €

Donativos – 1.455,28 €

Total – 2.890,28 €

Despesa

Bolsas de estudo (Seminário) – 1.200 €; Ecos da LASE – 920 €; Quota da UASP – 100 €;

Encargos bancários – 62,40 €; Escritório – 36,43 €; Várias – 10 €.

Total – 2.330,83 €

Resultado (Saldo) – 559,45 €

Homenagem ao Cónego Dr. José Pires Patacas

(Continuação da página 8)

coisa, como dizia, olhava para todo o lado e... não era possível... mas era... a voz dele, e tudo o que ele tinha dito há pouco... oh... e vinha tudo de uma máquina novinha em folha, com uma fita que rodava e de lá saíam todas as vozes e conversas... Era o gravador que tinha vindo da América... que espanto...

E foi sempre assim, ao longo da vida, com tantas coisas simples... lendo os sinais dos tempos para proporcionar a todos o melhor...



Agora já em Vila Viçosa... que assombro... o Seminário a um canto da Praça, com o Palácio ao lado... que enormidade... que susto... a entrada sombria... lá estava a roda dos enfeitados... os claustros... as caras desconhecidas dos futuros colegas. Mas com o Ti Zé ao lado, o medo era conforto... A apresentação aos "prefeitos", ao "vice-reitor" e a explicação de quem eram... a ida à camarata... sempre ao meu lado... a ida à papelaria... a primeira escova e a primeira pasta de dentes, o sabonete... mil e uma coisas novas... a capela no alto, sombria e fechada por grades, como ainda hoje lá está...que tivesse calma, não me assustasse... tudo ia correr bem... vá lá que depois fomos para a quinta... para o pátio...as árvores, as laranjeiras... o pupilar do pavões... já estava mais tranquilo... os sons e o cheiro da terra... e assim fiquei mais descansado.

E o Ti Zé lá se foi para Évora, sem se esquecer de dizer que se fosse preciso algo, era falar com o "prefeito"... sempre presente...

E assim continuaria ao longo da sua curta vida... a família, os amigos colegas, companheiros, paroquianos, pobres ou ricos, todos sabiam que com ele podiam sempre contar... sem reserva...

Lembro aqui o que o P. António José Esteves Fernandes, recentemente falecido, me disse e ao P. Salvador dos Santos: - Que aquando da sua Missa Nova, ele P. Esteves tinha composto uma missa especial, mas não tinha quem a ensaiasse e pusesse de pé. Pediu ao Patacas e ele, em três dias, tudo ensaiou e preparou e foi um êxito...

Também no campo das letras e da Música é de referir a peça "Os Matos do Maduré" sobre S. João de Brito que ele escreveu e musicou... e que foi êxito na Festa da Casa.

No Conventinho, foi meu professor de inglês, quem diria... mas ele sabia bem falar e ensinar inglês, e sobretudo depois, já no final da Filosofia, no Seminário Maior... sempre a protecção e o diálogo... mas também raspanetes...

O episódio do chumbo a grego, com o Melo Lima, o Macedo e o Nuno Pinheiro, salvo erro, com o semblante carregado disse-me: o Dr. Reis não merece isto... não pode ser afrontado desta maneira... temos que ver isto nas férias... e lá foram umas férias mais a estudar, desta vez grego, que das outras era Latim... que o Dr. Henrique Marques também não facilitava... e eu, nessa idade, era algo avesso à concentração e a algumas disciplinas... mas ele sempre compreendia, era solícito, companheiro... paciente. Voltando à Torreira, base de todas as férias, de todos cuidava, mas não se esquecia de si próprio... Na praia, passava o tempo, enquanto apanhava sol, a ler e a escrever, a estudar... mas mal se levantava, era ver os meus irmãos e eu a correr areal fora, com medo do banho... e ele a correr atrás de nós... é que, nos primeiros anos, pegava em cada um e zás... uma dúzia de mergulhos a cada um, sob o olhar atento do meu avô e a súplica da minha mãe:- O Zé, lá para a água funda, não...

Mas foi ele quem nos ensinou a nadar... com toda a paciência e confiança. Depois de nos dar banho lá ia então tomar o seu banho calma e serenamente... mergulho após mergulho... e nadar quando possível... Tranquilo, sereno, feliz... E assim foram alguns anos na Torreira... recebendo amigos e colegas. A todos convidava, acolhia e atendia...

De referir que foi o P. Zé Dias, colega de curso, quem o convidou para a Missa Nova em Estarreja. E foi esse convite que veio depois a influenciar toda a vida e à família... porque foi então que ele descobriu a Torreira e por ela se apaixonou... pela sua beleza selvagem e paradisíaca, na altura... sem estradas, sem água, sem luz... um areal infinito a perder de vista, entre o mar e a ria... com uma colónia de pescadores fantástica, agrupados em "companhas"... que pescavam peixe em abundância...mas a quem o inverno só trazia miséria.

Porém, no verão, o Ti Zé sabia como compensar, ao ajudar todos os que rodeavam a "Casa do Norte"... o que levava uma das sobrinhas da dona da casa, a Arlinda, a dizer: O Dr. Zé é tão boa pessoa, que pena ser padre... pois... Mas ele sempre,



mesmo no lazer e no descanso, não se desviava do sentido do dever: A reza diária do breviário de manhã e à noite, a missa, o terço... a família, os amigos, os colegas...

Por todos era querido e elogiado... pelas simples, objectivas e profundas homilias... até o senhor das notas passadinhas a ferro, como lhe chamávamos, pois punha no ofertório sempre

(Continua na página 6)

Homenagem ao Cónego Dr. José Pires Patacas

(Continuação da página anterior)

uma nota de 20 escudos, acabada de chegar do banco, o Dr. Barbosa, todos acorriam às suas missa e à celebração do terço... e todos tudo comentavam no Guedes... café da moda então e sempre, na Torreira.

Sobretudo depois de vir de Roma... a ninguém passou despercebida a sua postura de fato talar e roupa simples, a batina só nas cerimónias, e de nylon, que ele trazia numa pequena



pasta... visionário. Sabendo ler os sinais dos tempos. Sempre e em todo o lugar... na hora certa.

Em Évora, com os casais de S.ta Maria, que o visitavam amiúde na Torreira. Em S. Miguel, sobretudo pelo Natal e na Páscoa, e até em Lisboa, na Igreja do Rato...

Em Évora, quando decidi desistir do Seminário, imediatamente me indicou o caminho do Colégio Nuno Alvares e o saudoso P Barroco... E depois quando chamado para a tropa... me disse que fizesse o que entendesse. Que compreenderia, só que ele não era de fugir às coisas... e eu lá fui para o quartel para Viseu.

Em S. Miguel, era sempre uma festa em casa, com as pessoas a trazerem-lhe coisas e a quererem com ele falar para pedir conselhos e outras coisas... Mas, na Páscoa, era especial, uma festa... O seu confessorário estava sempre cheio... pelos conselhos que dava, diziam os homens.

Por isso, depois, ao cantar das alvíssaras, após a Missa da meia-noite... era vê-los com os acordeões à disputa com os adufes das mulheres, a cantarem- lhe à porta de casa o "Aleluia Aleluia já é festa"... E ele, alegre, a lançar as amêndoas, a dar os bolos e o garrafão de vinho, como mandava a tradição...

Simple com os simples... Mas foi, também, em S. Miguel na sua última despedida, pelo Natal, que se iniciou o seu caminho para o calvário e com a cruz às costas... Pegou no velho VW, só para o meu avô ver que estava bem... mas à saída da aldeia foi o Quim quem teve que pegar no carro... já não tinha forças para mais...o caminho do calvário tinha começado, rumo à cruz...precisava de um Cireneu, e ele sabia-o.

Na América, em casa do P. Zé Dias, onde tinha estado uns tempos, nada lhe conseguiram fazer..."Agora entendo o que é ter fé e para que serve a fé... e entendo porque muitos pensam no suicídio"... disse-me um dia no quarto de Oncologia onde

já estava em fase terminal..." Tenho fé que lá em cima estarei melhor, que é a altura de partir...Tú, nunca percas a fé".

E aqui estou... a homenagear a quem penso merece esta pequena homenagem... passados quarenta anos... os outros foram sempre sua preocupação... e os outros sabiam-no... foi isso que se presenciou naquele dia 24 de Fevereiro de 1974...a Sé e a Praça do Giraldo cheias, a rua 5 de Outubro cheia até ao cemitério, onde repousa em campa rasa, simples, de granito preto, à entrada, à esquerda.... com uma flor na campa, mesmo que de plástico... dizendo apenas: P. José Pires Patacas... 1929 – 1974.

Obrigado a todos

2) Dr. Franklim da Costa Braga

Não vou falar muito sobre o Pe Patacas. Nem tecer elogios desmesurados, colocando o Pe Patacas no patamar dos santos a canonizar, e muito menos apontar-lhe defeitos, que, como todos nós, certamente teria, mas que não suplantam as virtudes do homem simples. Vou apenas lembrar a minha curta vivência com ele, quer como prefeito do meu 2.º ano, quer como meu professor de Latim e ainda como pessoa simples que era, fazendo jus às suas origens. Praticamente, só convivi com ele um ano já que, terminado o 2.º ano, fui para os Agostinhos e a convivência com as Chagas era pouca.

Como prefeito:

Foi uma mudança radical no modo de convivência com o novo prefeito. Habitados no 1.º ano a uma vigilância apertada e agressiva, que chegou a ponto de investigar um ou outro acto de indisciplina ou simples falatório na camarata depois do fecho das luzes através da ameaça ou da denúncia alimentada por parte de colegas, ouvidos um a um, a que não faltou a chantagem e a que se seguiram os consequentes castigos, eis que no 2.º ano nos surge um homem bom, a que o povo chama de santo homem, em que a disciplina acontece naturalmente sem actos inquisitórios, actos esses que seriam retomados pelo prefeito do 3.º ano.

A camaradagem com os alunos, jogando com eles no recreio à bandeira, ao base-ball, à corda e outros jogos, eram



prova da sã convivência entre prefeito e alunos e a natural compreensão destes por parte de quem poucos mais anos tinha que eles. Não me recordo que tenha batido ou de outra forma castigado algum aluno no decurso normal dos dias. Isso não

(Continua na página 7)

Homenagem ao Cónego Dr. José Pires Patacas

(Continuação da página anterior)

implicava permissibilidade. Basta lembrar um episódio passado aí pelo 10 de Junho, num passeio grande à albufeira de Borba, em que atravessámos as 2 tapadas da Casa de Bragança. Estando bastante calor, pelo meio da tarde, alguns alunos tiveram desejo de tomar banho na albufeira. Uns tantos foram pedir ao prefeito Pe Patacas a devida autorização, a qual foi negada, compreensivelmente, já que o risco de afogamento era razoável, com as responsabilidades inerentes. Pois bem, esses colegas foram para uma ponta da lagoa gritando que tinha sido autorizado tomar banho. E vários se atiraram à água, até vir o prefeito, ou alguém a mando dele, avisá-los para saírem da água. Chegados ao Seminário e reunidos na sala de estudo, o Pe Patacas, nada satisfeito com a mentira, chamou à frente o Jaime e creio que também o Velez. Perguntou-lhes qual a resposta que tinha sido dada ao seu pedido para tomar banho e, apurada a verdade, receberam o castigo merecido, umas lambadas. Já não me recordo se foram logo expulsos ou apenas não regressaram das férias, que se aproximavam.

Ainda como prefeito, começou a designar na capela, pela manhã, um aluno cada dia para fazer a meditação em voz alta. Não sei se algum prefeito anterior já tinha usado este método. Nem me recordo de ter sido seguido em anos posteriores. Foi uma experiência que nos preparava e nos inculcia o sentido da responsabilidade.

Por ser um homem bondoso, lembrei-me de o escolher para meu padrinho do Crisma, apesar de nos ter sido dito que não era permitido aos superiores serem nossos padrinhos. Com a minha insistência, acabou por aceder. Quando chegou o Verão, com o suor das corridas no recreio a que se seguia o estudo na sala um pouco fresca e em que eu tirava a casaquinha, apanhei uma pleuresia e tive de ser internado no Hospital da S.ta Casa da Misericórdia de Vila Viçosa, por uns 20 dias. Recordo o agrado que sentia quando meu padrinho me visitava. Sinto com

que ainda guardo. Já não me recordo exactamente da ocasião em que me aconselhou sobre a vida e as renúncias que deveria fazer, dando-me o seu exemplo de renúncia às intenções de uma mulher, que o assediava.

Como professor:

São poucas as recordações, o que é sinal de que tudo correu normalmente, isto é, bem. Lembro apenas um episódio. Num dos passeios pequenos pela estrada de Bencatel, aí pelo Carnaval, sempre em uma cavaqueira, por termos um exercício de Latim para daí a breves dias e estarmos preocupados com as más notas, muitos de nós tivemos a ideia de lhe lançar o repto de nos deixar usar gramática, dicionário e apontamentos no exercício (já não sei se até podíamos trocar impressões uns com os outros) e veria como as notas seriam altas. Em jeito de aposta, aceitou a proposta. Chegado o dia do exercício, todos preparados para as grandes notas, eis que escreve no quadro umas 3 ou 4 perguntas em Latim. Foi a desilusão completa. Por mais que folheássemos gramáticas e dicionários e coçássemos a cabeça, as respostas não saíam, já que não percebíamos as perguntas. As notas foram um descalabro. Tive um dezito e não me recordo se houve mais uma ou duas positivas. Nunca mais quisemos exercícios com consulta.



Como padre:

Não acompanhei o pastor nas suas paróquias de S. Brás e S. Lourenço. Mas, a sua nomeação para os cargos de Secretário da Câmara Eclesiástica e Vigararia Geral de Elvas é a prova do seu bom desempenho.

Como pessoa de elevado nível cultural e de mérito:

Do seu mérito são provas os factos relatados na pagela da LASE- ser o urso do seu curso e ter conhecimentos literários avançados; o curso de Direito Canónico que tirou em Roma na Pontifícia Universidade Gregoriana juntamente com os de Jurisprudência e Pastoral, e o de Sociologia Religiosa na Universidade Católica de Lovaina; as nomeações seguintes para Secretário da Câmara Eclesiástica de Évora, Vice-Chanceler da Cúria Diocesana, professor no Seminário Maior de Évora, Director Diocesano da Obra da Propagação da Fé, da União Missionária do Clero e do Movimento de Espiritualidade Familiar, a nomeação para

Cónego Capitular da Sé de Évora, com apenas 33 anos, são provas do seu elevado nível cultural e do prestígio que gozava na sua arquidiocese. Os outros cargos para que foi posteriormente nomeado - 1.º Director do Secretariado Diocesano da Pastoral, 1.º Presidente da Direcção da Fraternidade do Clero, 1.º pároco da nova paróquia de N.ª Sr.ª da Conceição, Presidente do Tribunal Eclesiástico Diocesano e Prof. de Religião e Moral no Liceu Nacional de Évora - são outras tantas provas do seu prestígio cultural e pastoral.

Pena é que, ainda na flor da vida, com 44 anos, tenha partido tão cedo deste mundo, a quem tinha muito para dar, sobretudo à sua Arquidiocese de Évora. Resta-nos a consolação de que, como homem bom que era, Deus o terá com os outros justos a seu lado.



grande mágoa não ter retribuído as visitas quando ele esteve doente e faleceu, já eu tinha saído do seminário, pois não tive conhecimento da situação. É como se fosse uma maneira de me penitenciar que aceitei o convite de vir aqui hoje e dizer algumas palavras.

Da sua bondade recordo ainda a boa merenda que, de improviso, ofereceu na sua terra natal - S. Miguel d'Acha, constituída por bom pão de trigo, muito branquinho, e azeitonas pretas, grandes e saborosas., aos alunos de diversos anos, oriundos da região do Sabugal que iam numa camioneta alugada à empresa de camionagem Viúva Monteiro & Irmão passar as férias da Páscoa ou do Verão, em que ele também foi.

De Roma, para onde foi formar-se em Direito Canónico, recebi pelo menos um bilhete-postal com a Praça de S. Pedro,



Homenagem ao Cónego Dr. José Pires Patacas

Como já foi referenciado no relato feito da Assembleia Geral, onde justamente foi homenageado o Cónego Dr. José Pires Patacas e porque muitos lasistas não puderam estar presentes, vamos apresentar os discursos feitos pelos dois oradores convidados: Dr. Libório Casimiro Gonçalves e pelo Dr. Franklim da Costa Braga

1) Dr. Libório Casimiro Gonçalves

Um agradecimento primeiro, ao D. José por ter aceite, compreendido e apoiado esta singela homenagem, ao P. Patacas, meu tio.

Aliás deixe-me dizer-lhe, que calou fundo, quando, como Bispo de Portalegre e Castelo Branco, se dignou visitar em S. Miguel a minha família, mormente a minha mãe, para saber se estava bem, mostrando assim, que a memória do P. Patacas continuava viva...

Agradeço, também, ao P. Fernando, incansável obreiro e continuador desta obra de saudável saúde que é a LASE, a ideia desta proposta de homenagem e a sua concretização.

Um agradecimento, ainda, ao António Joaquim C. Braga, pela total disponibilidade para a implementação, logística e vontade para que esta homenagem aqui, hoje, acontecesse. Apesar de um difícil ano no que respeita à sua saúde... E a todos vós, amigos do P. Patacas... o nosso Bem Hajam pela vossa presença.

Coube-me a mim falar da dimensão humana e simples do P. Patacas, meu tio, por ter sido essa a dimensão que, efectivamente, ao longo da sua curta vida, mais me envolveu e moldou e a muitos de vós, com certeza.

Assim, nada melhor que regressar às origens e à simplicidade das coisas dos anos 50, para começar. Era uma tarde de Setembro de 1960. As tradicionais festas do S. Paio da Torreira tinham acabado e eu sonhava sair pela primeira vez do meio da família. Era um fim de tarde ainda quente. O último banho acontecera de manhã naquela paradisíaca praia da Torreira. O cais estava cheio para a despedida: Avós, mãe, tios, irmãos... e, na barça da lancha, o Ti Zé e eu. Soaram as sete badaladas na altaneira torre da Igreja que começava a esconder o sol e a projectar a

sombra no cais. As malas estavam alinhadas na barça, o Ti Zé sorria e eu, atónito, tudo olhava e nada via. O ti Aresta, mestre marinheiro da lancha, e sacristão fervoroso e bonacheirão, acabava de desamarar a última amarra... a lancha ronqueira começava a afastar-se do cais... As lágrimas assomavam-me aos olhos ao ver as mãos que, no cais, acenavam... Foi então que sinto a mão do Ti Zé apertar a minha e dizer-me: Vida Nova... Não tenhas medo.

Já longe, a família ia dispersando, o avô, a mãe, a mana, o Quim, o Ti Tó e a ti Mariazinha... sim, todos, porque o ti Zé era o elo maior que a todos unia e comandava... e a Torreira era o local de refúgio e de encontro anual da família, colegas, amigos e companheiros.

Já na Béstida, com a sua furgoneta caprichosa, esperava-nos o Amílcar Vidal, para nos levar para a casa do seu irmão Alberto,



com casa "americana" acabada de construir... que espanto... mas tudo simplicidade para o Ti Zé, pois era preciso lá dormir para apanharmos o comboio, na manhã seguinte.

Já agora, de outra vez em Estarreja, num serão, em visita ao P. Zé Dias e família, seu companheiro de curso e grande amigo, como veremos, foi o bom e o bonito quando a determinada altura, depois de animadas conversas, falando da grande vida na América, que os familiares do P. Zé Dias há muito que por lá viviam... a determinada altura, dizia, mandou-se calar toda a gente e eis senão quando... do meio do silêncio, salta a conversa toda que até há pouco, animadamente, tínhamos concluído... Mas... que se passa? O velho Zé Patacas, meu avô, de olhos e boca aberta, e tinha estado na guerra de 1914-18, onde vira muita

(Continua na página 5)

ENCONTROS REGIONAIS

- Lisboa, 10 de Maio
- Alcáçovas (Évora), 7 de Junho
- Póvoa de Varzim (Norte), 14 de Junho
- S. Miguel d' Acha (Beiras), 21 de Junho

ENCONTROS DE CURSOS

- Curso de 1961-62, Peniche - 17 de Maio



Os "Ecos da Lase"
desejam a todos os Lasistas
e suas famílias
Boas Festas da Páscoa,
com muita alegria e bênçãos
de Cristo Ressuscitado.
Aleluia! Aleluia!